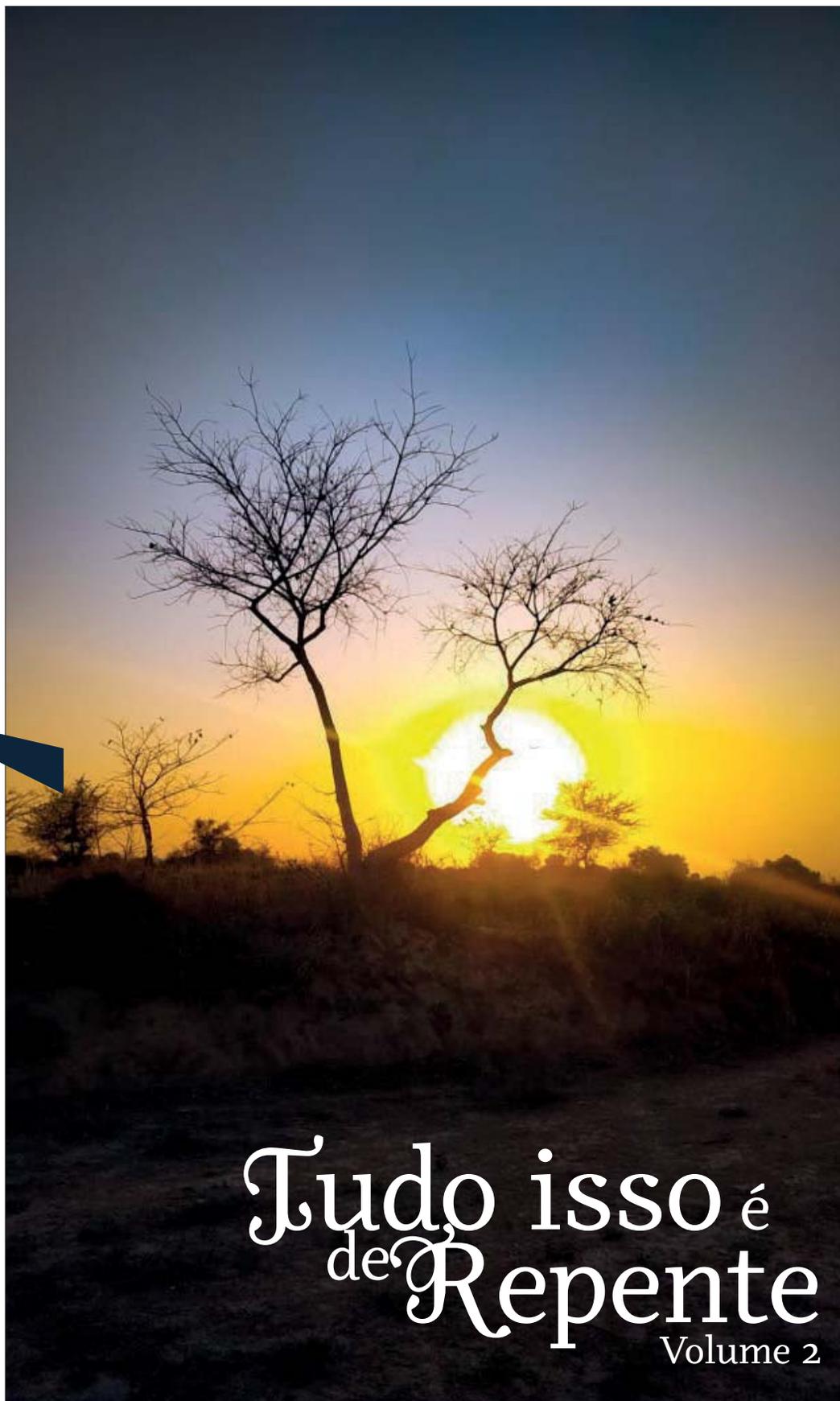


CADERNOS DO

SEMI-ANUÁRIO

RIQUEZAS &
OPORTUNIDADES



Tudo isso é
de repente
Volume 2

Por Ilo Francisco Marques de Barros Barreto



CREA-PE
Conselho Regional de Engenharia
e Agronomia de Pernambuco

23



TUDO ISSO É
DE REPENTE
Volume 2

ILO FRANCISCO MARQUES DE BARROS BARRETO

EXPEDIENTE

Mário de Oliveira Antonino - Coordenador Geral
Marcelo Carneiro Leão - Coordenador Honorário

EQUIPE DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA

Professor Eng. Agrônomo **Carlos Alberto Tavares**
Bibliotecária **Conceição Martins**
Professor Eng. Agrônomo **Egídio Bezerra Neto**
Professor Eng. Agrônomo **Jorge Roberto Tavares de Lima**
Professor Eng. Agrônomo **José Geraldo Eugênio de França**
Professor Eng. Agrônomo **Leonardo Valadares de Sá Barretto Sampaio**
Eng. Ambiental e Assessora da APEENG **Thaís Bezerra Patú**
Professor Geólogo **Waldir Duarte Costa**

EDITORAÇÃO

Projeto Gráfico e Diagramação - **Renaldo Segundo**
Palavras do Presidente **Mário de Oliveira Antonino**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(SIB-Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE)
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

C122 Cadernos do Semiárido: riquezas & oportunidades / Conselho Regional de Engenharia e Agronomia de Pernambuco. – v. 23, (2022). Recife: Academia Pernambucana de Engenharia APEENG: Editora UFRPE, 2022.

v.

Este volume: Tudo isso é de Repente, v. 2. / [Organização de] Ilo Francisco Marques de Barros Barreto.

Bimestral
ISSN (broch.) 2526-2556

1. Engenharia – Periódicos. 2. Agronomia – Periódicos.
3. Semiárido brasileiro. 4. Poesias. 5. Repentes. I. Conselho Regional de Engenharia e Agronomia de Pernambuco. II. Academia Pernambucana de Engenharia APEENG. III. Barreto, Ilo Francisco Marques de Barros, org.

CDD 620.05

CREAPE

DIRETORIA CREA-PE GESTÃO 2022

- Eng. Civil **Adriano Antônio de Lucena** - Presidente
Eng. Civil **Stênio de Coura Cuentro** - 1º Vice-Presidente
Eng^a. de Segurança do Trabalho **Giani de Barros Câmara Valeriano** - 2ª Vice-Presidente
Eng^a. Civil **Pedro Paulo da Silva Fonseca** - 1º Diretor Administrativo
Eng. Civil **Ricardo Luiz de Alencar Arraes** - 2º Diretor Administrativo
Eng^a. de Pesca **Magda Simone Leite Pereira** - 1ª Diretora Financeira
Eng. Civil **Isaac Sérgio Araújo de Brito** - 2º Diretor Financeiro

Os cadernos estão disponíveis online, através do site:
www.creape.org.br/cadernos-do-semiarido-riquezas-eoportunidades/



CADERNOS DO SEMIÁRIDO, *Esclarecimentos.*



Mário de Oliveira Antonino

Eng.º Civil, Professor, Rotariano e
Presidente da Academia Pernambucana de Engenharia.

Este Caderno de nº 23, da série: “Cadernos do Semiárido - Riquezas e Oportunidades”, correspondem aos volumes I e II, com o tema “Tudo isso é Repente, de Ilo Francisco Marques de Barros Barreto.

Demos conhecimento e dela recebemos total adesão ao submetermos os temas e textos da Literatura de Cordel que tanto apreço recebe da população originária de todo Semiárido Brasileiro.

A veia poética de uma expressiva parcela dessa população já vem com ela desde o nascer. É paixão geral. Cidades promovem competições em escolas ou em praças públicas, repentistas se apresentam com seus rasgos de inteligência de fazerem inveja, são manifestações culturais promovendo namoros e paixões.

Se a literatura de cordel é tema inspirador para os queridos Ilo Barreto, Argemiro Leite, Lúcio Almeida, Dedé Monteiro, imaginem como os rotarianos já homenagearam Ivanildo Vilanova, Louro do Pajeú e Pinto do Monteiro, como se emocionaram diante de multidões calorosamente aplaudindo as glosas e os repentes que somente eles sabem criar e fazer.

Na sua bem elaborada Antologia da Literatura de Cordel, Sebastião Nunes Batista oferece amplas e ricas informações, sobre as suas origens, o Nordeste como ambiente sociocultural destacado, a figura do cantor,

os temas preferidos, a significação social e a influência dos modernos meios de comunicação.

Eis cinco exemplos daquilo que nos apresenta os autores mencionados abaixo que compõem essa obra de poesia:

Abraão Batista - “Encontro de Lampião com Kung Fu em Juazeiro do Norte”;

Antônio Batista Guedes - “Costumes e Usos Antigos”

Apolônio Alves dos Santos - “O Grande Incêndio em Copacabana”

Caetano Cosme da Silva - “ O rapaz que apanhou das moças por não saber namorar”

Cícero Vieira da Silva - “Os Martírios do Nortista viajando para o Sul”

Assim agem os poetas na elaboração de seus versos. Que Deus os inspire cada vez mais e que eles nos alegrem com suas obras.

CADERNOS DO SEMIÁRIDO, *Palavra do Presidente da UFRPE.*



Marcelo Carneiro Leão
Reitor da UFRPE

A série Cadernos do Semiárido tem se constituído em uma publicação de extrema relevância na disponibilização de informações sobre diversos temas relacionados ao semiárido. Estas informações elaboradas por diversos especialistas, promovem uma apropriação por vários atores que lidam cotidianamente com estas questões, levando a construção de conhecimento fundamental para melhorar as atividades produtivas, econômicas e o cotidiano no semiárido.

Os Cadernos de nº 23, da série: “Cadernos do Semiárido - Riquezas e Oportunidades”, correspondem aos volumes I e II, com o tema “Tudo isso é Repente, de Ilo Francisco Marques de Barros Barreto.

Reconhecida como patrimônio cultural imaterial, os temas e textos da Literatura de Cordel recebem apreço da população originária de todo Semiárido Brasileiro. A veia poética de uma expressiva parcela dessa população já vem com ela desde o nascer. É paixão geral. Cidades promovem competições em escolas ou em praças públicas, repentistas se apresentam com seus rasgos de inteligência de fazerem inveja, são manifestações culturais promovendo namoros e paixões.

A literatura de cordel é tema inspirador para os ilustres Ilo Barreto, Argemiro Leite, Lúcio Almeida, Dedé Monteiro, que tem emocionado seu público e recebido calorosos aplausos pelas glosas e os repentes que eles sabem criar e fazer. Na sua bem elaborada Antologia da Literatura de Cordel, Sebastião Nunes Batista oferece amplas e ricas informações, sobre as suas origens, o Nordeste como ambiente sociocultural destacado, a figura do cantador, os temas preferidos, a significação social e a influência dos modernos meios de comunicação.

Mergulhemos, com a licença poética, nesta fantástica leitura!!!

CADERNOS DO SEMIÁRIDO, *Palavra do Presidente do CREA.*



Adriano Antonio de Lucena
Presidente do Crea-PE

A poesia cantada, em rima, versa sobre a alma nordestina. Repente é uma arte enraizada na cultura do Nordeste. Seus cantadores, na sua grande maioria, trazem nos seus versos a experiência de vida, que não se encontra nos livros.

A prática nas rimas dá aos seus cantadores a capacidade de sustentar o diálogo poético em apresentações que podem durar horas. Todo um cenário de batalhas de rimas é construído na hora do repente. Um artista provocando o outro na rapidez das respostas.

Numa soma de uma ação inusitada, um dito repentino e impensado, acontece o espetáculo. Vale o improviso, a criatividade. Assim se constrói o repente. De ordem complexa, sua métrica se apresenta com inúmeras possibilidades combinatórias de estilo e ritmo. O destaque vai para os fechamentos de frase (verso) de maneira a ordenar o processo de rima. Os temas registram a vida nordestina, seus lamentos, suas batalhas, seus amores e seus humores.

Uma cultura milenar que merece ser destaque. Entrar para a história. Como está sendo feito pela publicação Cadernos do Semiárido - Riquezas & Oportunidades - Volume 23. Em dois volumes, iniciando

com o de número 22, as publicações trazem este reconhecimento. “Tudo isso é de Repente”, de Ilo Francisco Marques de Barros Barreto, oferece aos leitores uma imersão no mundo das rimas.

A iniciativa de criação das publicações Cadernos do Semiárido nasceu do empenho do professor e engenheiro civil Mário de Oliveira Antonino. Ela encontra ressonância no comando do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia de Pernambuco (Crea-PE), que busca e promove a valorização da cultura pernambucana.

No repente se juntam o canto e a poesia. Criatividade e improviso. Rima e orgulho de ser repentista, nordestino. Um sentimento que o Crea-PE estimula, investe e aposta para a preservação da nossa cultura.



SUMÁRIO

Esclarecimentos	6
Palavra do Presidente da UFRPE.....	8
Palavra do Presidente do CREA	10
Homenagem ao Professor Mário Antonino	14
Homenagem ao Companheiro Ilo Barreto.....	16
Gemedeira	20
Septilha.....	22
Oitava	26
Quadrão de Dez	29
Quadrão Perguntado	30
Décima	33
Martelo Alagoano	46
Martelo Agalopado.....	47
Galope à Beira Mar	49
Dez de Queixo Caído.....	52
Você Cai	59
Meia Quadra.....	60
Glosa.....	61
Bibliografia.....	65
Rotary	66

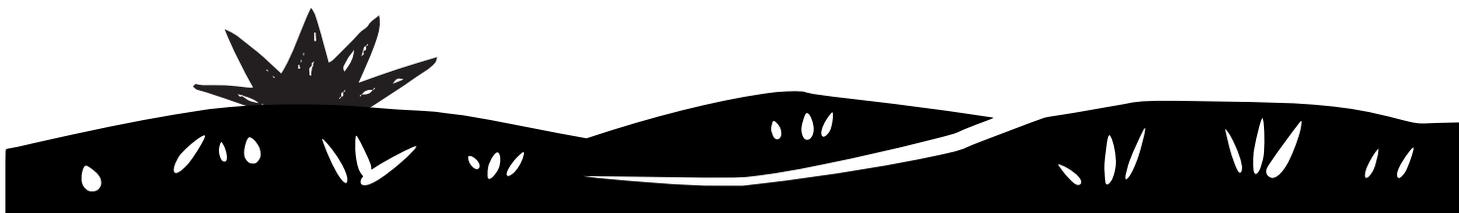
Homenagem ao Professor Mário Antonino

Por: **Thaís Patú**
Engenheira Ambiental, Rotariana e Secretária Executiva da Associação dos
Engenheiros Ambientais e Sanitaristas de Pernambuco(AEAMBS-PE)

Em Serra Branca, no Sertão do Cariri Paraibano
Nascia um Menino
Chamado
Mário de Oliveira Antonino
Seus Pais Antônio Antonino e Maria Cristina
Com muito zelo e Educação
Incentivaram os filhos
Na arte do Ensinar
E ao bem se praticar
Desde criança gostava de ajudar
Àqueles que lhe fossem procurar
Não importava raça, cor, etnia
Era com muita alegria e sem distinção
Naquele jovem já se sabia
Que tinha um bom coração
E do amor ao Servir
Faria sua missão
Queria ser padre
Mas logo desistiu
Quando avistou Celma
Tratou logo de casar
E uma família formar
Dessa bela união
Vieram os descendentes
(5) filhos, 10 netos, noras, genros, é muita gente...
Os livros sempre foram inspiração
Na Matemática encontrou dedicação
Ensinar os Engenheiros a calcular
Foram tantos que ajudou a formar
Do concreto armado a alvenaria estrutural
Grandes Obras ele construiu
como nunca se viu
Apenas três vou citar
No terminal açucareiro em Maceió
(Houve) fabricação
E lá montadas 5000 peças



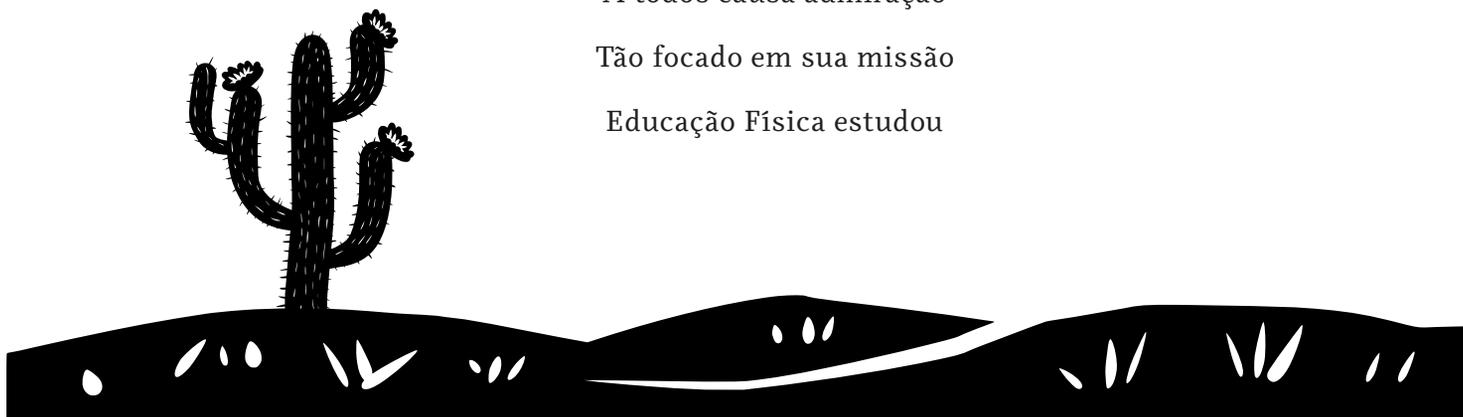
Arcos de cobertura com 74 m de vão
Pense numa inovação
No Sertão Pernambucano
Ajudou água levar e do Projeto ASA BRANCA
A saciar a sede
Daqueles que tinham de beber, plantar e colher
Pois a Barragem de Brotas
Fez nascer
A esperança de um povo sofrido
Mas sertanejo é forte e valente
Que segue adiante
Resistente
Trazendo ao Semiárido
Riquezas e Oportunidades
Levantou Hospitais
Obras típicas prediais
Tanta complexidade
Excelência de qualidade
No Rotary se engajou
E logo se tornou
Sócio Fundador
Do Recife -Largo da Paz
Ganhando o mundo perspicaz
Do ideário se identificou
Com comprometimento levou
Por onde passou
A fraternidade, compreensão e tolerância
Deixando seu legado
Com fé e esperança
De Diretor do Rotary International, Governador e Presidente
Tantas tarefas assumidas
Todas cumpridas
Termino com louvor
Esta homenagem
Com respeito e gratidão
A esse grande líder rotariano.



Homenagem ao Companheiro Ilo Barreto

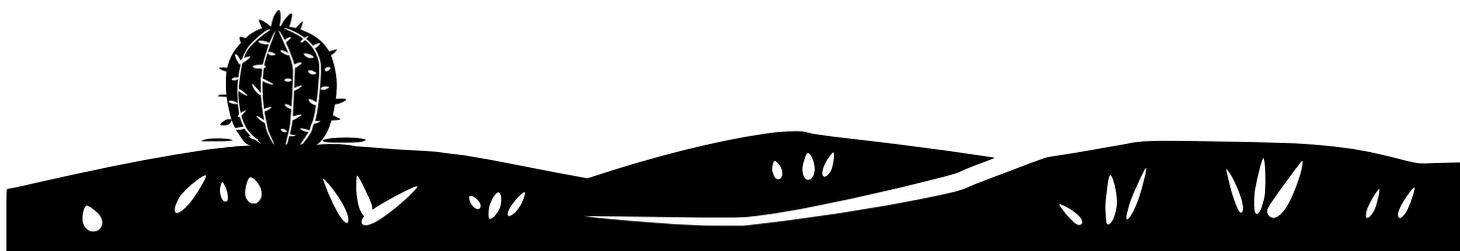
Por: Thaís Patú
Engenheira Ambiental, Rotariana e Secretária Executiva da Associação dos
Engenheiros Ambientais e Sanitaristas de Pernambuco(AEAMBS-PE)

Uma história quero narrar
De um bravo guerreiro valente
Seu nome vou falar
Companheiro Ilo
Tenho a honra de lhe homenagear
De muitas lembranças a contar
O homem é irmanado em prontidão
Que fez logo preparação, no colégio militar, em Fortaleza, no Ceará!
Nos seus caminhos a trilhar
Nas Agulhas Negras tratou de se formar
Militar por Opção
Ordem é a tua função
Dever é Lei da Nação
A todos causa admiração
Tão focado em sua missão
Educação Física estudou



Mas por aí não parou
 Até curso de guerra na selva ele buscou
 Administrador, Escritor, brinque não Sr. Doutor
 É tanto livro publicado....
 Que posso ficar enroscado
 Se algum não for mencionado
 Pense numa enciclopédia gigante!
 Que nem dicionário precisa consultar
 Mas tem a quem puxar
 Dona Dulce e Sr. Francisco
 Com gratidão, quero mencionar
 Brasileiro de Coração
 Poeta por Vocação
 Herói que dá a vida
 pela Pátria querida
 Amado por toda a gente
 Casou-se com Myriam
 A quem logo se juntou
 E uma família gerou
 Três filhos, dois netos, dois bisnetos

Que Deus abençoou.
 Os irmãos não podem faltar
 (Beiron, Deda e Concita) a apresentar
 No Rotary seu legado construiu
 Um amante das letras como nunca se viu
 Na ABROL representar com maestria
 A cadeira 35 com alegria
 Duas curiosidades quero ressaltar
 My Way de Frank Sinatra sua canção
 Abelardo da Hora defendeu da cassação
 Mostra que és digno de fascinação
 Defensor da Justiça onde houver
 Para quem souber
 Do Herói que és,
 Termino o enredo com bravura
 Mas deixo a ternura
 Com fé, progresso e esperança
 Agradeço a confiança
 Desse causo contar
 Apenas a ti saudar!!





Tudo Isso é de Repente

Coletânea
2022

VOLUME 2



Gemedeira

Da *sextilha* derivou a *gemedeira*. Na mesma estrutura foi acrescentado, entre o 5º e o 6º verso, a expressão *ai, ai ui, ui*, normalmente de conotação sexual.

Lourival Batista, cantando com Pinto do Monteiro, abre seu repertório:

*Pinto, na vida dos versos
o cantor vive oprimido;
o riso parece pranto,
o canto é como um gemido,
padece mais que viúva,
ai, ai, ui, ui,
com saudades do marido!*

*Pinto fechou a roda:
Tendo ele no sentido
lhe falta até o assunto,
mas na hora que um rapaz
dela se chega bem junto,
ela, pensando no vivo,
ai, ai, ui, ui,
nem se lembra do defunto!*

Lourival e seu mano Dimas. Estavam em cantoria num teatro do Recife quando dois jovens artistas, talvez incomodados com os aplausos referidos aos repentistas, resolveram invadir o palco

para apresentar algo novo. Um postou-se no centro, com as mãos nos bolsos da calça e discursando, enquanto o outro enfiava os braços sob as axilas do primeiro e gesticulava, completamente em desacordo com as palavras ditas alto e bom som. Quando se retiraram, aplaudidos, Lourival disparou a *sextilha gemedeira*:

*O de trás dava banana,
o da frente discursava;
quanto mais um se enxeria
mais o outro se encostava.
- Atrás inda tinha jeito,
ai, ai, ui, ui,
na frente é que eu não ficava!*





Septilha

No início do século passado, o alagoano Manoel Leopoldino de Mendonça Serrador adaptou à *sextilha* mais um pé (verso) e mudou as rimas: o 5º com o 6º; o 2º com o 4º e com o 7º. É o *Sete linhas* (ou *Sete Pés*). O poeta José Galdino¹ também é tido como o criador.

*Amigo José Gonçalves
amanhã cedinho vá
a Caotis, onde reside
compadre João Pirauá;
diga a ele, dessa vez,
que amanhã, das seis às seis,
Deus querendo eu chego lá!*

Outro exemplo é do poeta Zé Duda do Zumbi², tratando com o cantador José Miguel, muito mais moço do que ele:

*Fui moço, hoje estou velho,
pois o tempo tudo muda...
Já fui um dos cantadores
chamado “Deus nos acuda!”
Este que estão vendo aqui
foi Zé Duda do Zumbi
e hoje é zumbi do Zé Duda!*

¹ José Galdino da Silva Duda (1866/Itabaiana, PB – 1931/Recife). Poeta popular.
² (1866/Salgado de São Felix, PB - 1931/Recife). Analfabeto, inseriu-se entre os valores do poeta repentista.

Uma primorosa *septilha* de Quintino Cunha³. Mas as rimas fogem ao padrão:

*Na história da teimosia,
entre a rudez e a arrogância,
é tão forte a ignorância,
tão cruenta e tão mendaz,
que a própria sabedoria
de tudo sabendo tanto,
não sabe dizer de quanto
o ignorante é capaz.*

A *septilha* é um estilo raramente usado pelos cantadores, mas Zé Limeira (“Poeta do Absurdo”) a tinha à mão, como sempre sem sentido, mas com rimas e métricas perfeitas:

*Eu me chamo Zé Limeira
da Paraíba falada
cantando nas escritura
saudando o pai da coaiada;
a lua branca alumia
Jesus, José e Maria,
três anjos na farinhada.*

*Ou ainda:
Napoleão era um
bom capitão de navio,
sofria de tosse braba
no tempo que era sadio;
foi poeta e demagogo,
numa coivara de fogo
morreu tremendo de frio.*

*O meu nome é Zé Limeira
de lima, limão, limança,
as estrada de São Bento,
bezerro de vaca mansa,
valei-me Nossa Senhora
ai, que me lembrei agora,
'tão bombardeando a França!*

Em outra ocasião, o mesmo Zé descrevendo uma briga:

*Eu briguei com um cabra macho,
mas não sei o que se deu,
eu entrei pru dentro dele,
ele entrou pru dentro deu,
e num zuadão daquele
eu não sei se eu era ele
nem sei se ele era eu!*

Apenas mais uma sétima loucura:

*Um dia o rei Salomão
dormiu de noite e de dia,
convidou Napoleão
pra cantar pilogamia,
viva a Princesa Izabé
que já morou em Sumé
no tempo da monarquia!*

João Pereira da Luz (João Paraibano), cabelos grisalhos, tinha uma queixa bonita a fazer (em *septilha*):

*A juventude não dá
direito a segunda via;
Jesus pintou meus cabelos*

*no final da boemia,
mas na hora de pintar
esqueceu de perguntar
qual era a cor que eu queria!*

Outra *seartilha* bonita do poeta Bráulio Bessa⁴

*Veza por outra a vida bate
e como ela tem batido...
Quando a pancada é de jeito
me vejo no chão caído
e nessa hora me refaço,
renasço em cada pedaço
daquilo que foi partido!*





Oitava

Estilo também conhecido como *oito pés em(do) quadrão* (duas quadras). Os poetas rimam o 1º verso com o 2º e o 3º; o 4º com o 5º e com o 8º; o 6º com o 7º. AAABBCCB!

Pinto e Lourival são dos mais afamados mestres do *repente* e mordazes como convém a toda peleja. Vamos tê-los um em frente ao outro, muitas vezes, para delícia nossa.

Pinto cantava com Lourival Batista (o estilo era o *quadrão*) e Louro afirmou:

Cantar comigo é um risco,(A)
sopra o vento, sobe o cisco,(A)
cai trovão e cai corisco,(A)
cai corisco e cai trovão;(B)
sobe a água em borbotão (B)
e de mim você não zomba,(C)
hoje o seu açude arromba,(C)
nos oito pés do quadrão!(B)

Antes que Pinto enquadre o oponente, é bom lembrar que o último verso da estrofe deve conter a frase “nos oitos pés do quadrão”. Quanto às rimas (Pinto “esquece” a do 5º verso), o 1º rima com o 2º e com o 3º; o 4º com o 8º; o 6º com o 7º.

Lá vai Pinto:

Meu açude não arromba, (A)
sua parede não tomba,(A)
porque dois pés de pitomba (A)
sustentam seu paredão. (B)

Cai pitomba n'água rasa, (B)
cai pitomba n'água funda, (C)
lá vai pitomba na bunda, (C)
nos oito pés do quadrão! (B)

José Gonçalves e Zé Limeira, outra pelega boa e no mesmo estilo de rimas:

JG - Eu canto com Zé Limeira,
rei dos vates de Teixeira,
nesta noite prazenteira,
da lua sob o clarão,
sentindo no coração
a alegria deste canto,
por isso é que eu canto tanto
nos oito pés do quadrão!

Antes que o outro replique, deixem-me reapresentá-lo, rápidas pinceladas. O poeta e escritor campinense (Campina Grande, PB) Orlando Tejo apelidou Zé Limeira de *O poeta do absurdo*, por razões mais do que plausíveis. Alguns acreditam que ele nunca existiu, fruto da imaginação do prendado jornalista. De qualquer modo, Zé, a criatura, imaginação fértil e obediente apenas às métricas e às rimas, versejava com o que lhe vinha à cabeça, pouco importando o sentido da frase, do tema, do verso, do juízo, enfim, do mundo...

Então, respondeu:

Eu sou Zé Limeira e tanto,
cantando por todo canto,
Frei Damião já é santo
dizendo a santa missão.
Espinhaço e gangão,
batata de fim de rama,
remédio de velho é cama
nos oito pés do quadrão!

O oitavão *rebatido* tem versos septissílabos, sendo que o 2º e o 4º terminam obrigatoriamente

em “ido” para rimar como estribilho “...no oitavão rebatido”.

Geraldo Amâncio, um poeta do Ceará, versejava neste estilo e falava de Miguel Arraes (com pleonasma e tudo)...

*... há muitos anos atrás
foi preso Miguel Arraes,
quanto mais tu, meu rapaz,
no oitavão rebatido!*

...quando Ivanildo Vilanova rebateu:

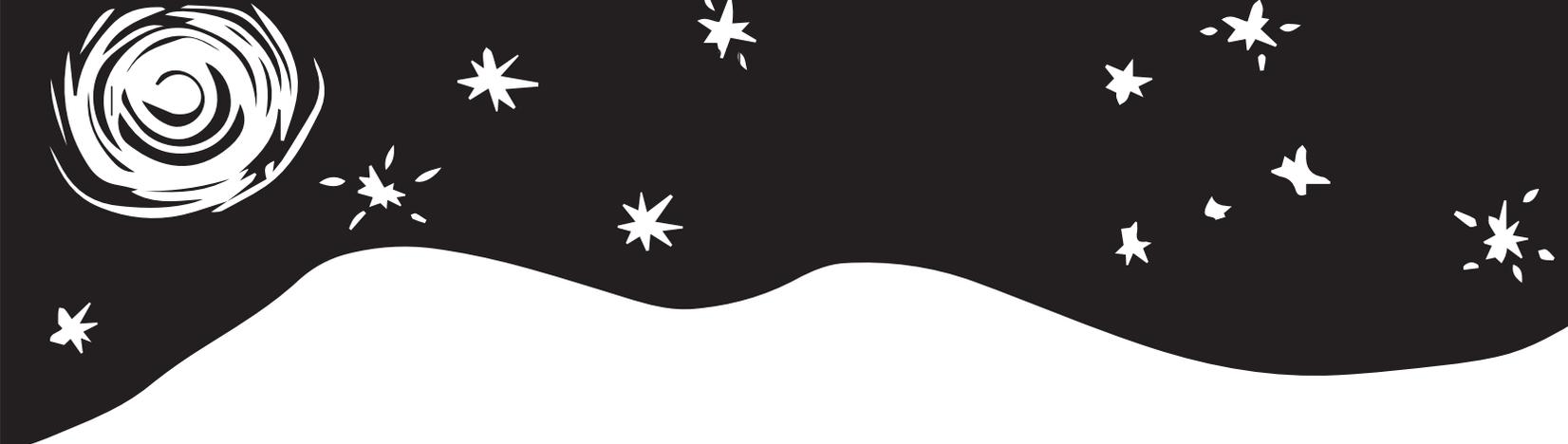
*Porque nos canaviais
ele tinha se envolvido
em problemas sociais
se eu não estou esquecido.*

E depois aproveitou para mexer com o colega cearense...

*queimando cana e floresta,
franzindo o couro da testa,
é do Ceará, não presta,
no oitavão rebatido!*

Genial, como de hábito, Rogaciano Leite diz quem é e o que faz, mas - luxos de poeta - em outro estilo de rimas (abandona as do 1º e do 5º versos):

*Não sou Manuel Bandeira,
Drummond, nem Jorge de Lima,
não espereis obra-prima
deste matuto plebeu...
Eles cantam suas praias,
palácios de porcelana,
eu canto a roça, a choupana,
canto o sertão, que ele é meu!*

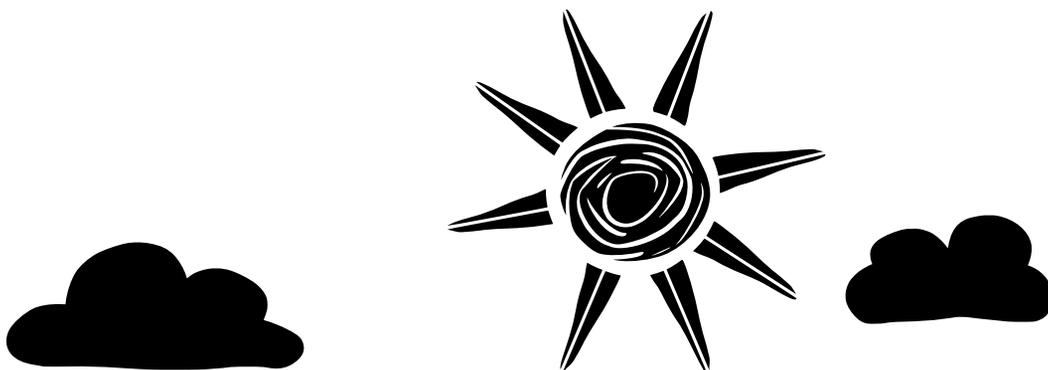


Quadrão de Dez

Simorion Matos é de Prata, PB. Estavam ele e Joaquim Vitorino se divertindo numa cantoria quando aparece uma bela mulher que fica a observá-los. Simorion se declarou de imediato, rimas de *décimas*:

*Se essa morena bela (A)
um dia me desse um sim, (B)
o que pertencesse a mim (B)
eu dividia com ela. (A)
Minha D-20^s amarela, (A)
meu alazão corredor, (C)
o armazém, o trator, (C)
o engenho com a moenda, (D)
eu dava até a fazenda (D)
em troca do seu amor! (C)*

*Joaquim confessou sua modéstia:
Não posso lhe oferecer
casa bonita nem carro;
tem só um prato de barro
pra nele a gente comer;
um pote pra nós beber
água salobra e ruim...
Por diversão, um sagui
pendurado na janela...
- Quem sou eu, morena bela,
pra você gostar de mim!*





Quadrão Perguntado

Ficou para o depois este outro extraordinário gênero do repente!

Na realidade, as rimas do quadrão (duas quadras e, no caso, mais os 2 versos do refrão) continuam como as da décima: ABBAACDDC. Como são dois os cantadores, o inusitado é a criatividade (genialidade?) de ambos em — nem preciso citar as métricas — se esgueirarem por entre as perguntas, repostas e sugestões. Obedientes, os dois monstros (o que pergunta e o responde) sabem que no 6º verso a rima é em ão e no 8º é em ado. Está pronto o extraordinário, feito em segundos!

Apreciemos Moacir Laurentino e Ivanildo Vilanova:

M. - Fale sobre o cangaceiro!

I. - Lampião foi um caudilho!

M. - Me aponte algo sobre o brilho!

I. - Lá no céu tem seu luzeiro!

M. - Me conte sobre o romeiro!

I. - Tem em toda procissão!

M. - Padim Ciço é santo ou não?

I. - Não foi nem canonizado!

*Ambos - Isso é quadrão perguntado,
isso é responder quadrão!*

Familiarizados, prossigamos com os dois mestres:

Diga se é boa a esmola!

- Faz parte da caridade!

Me fale sobre a maldade!

- *É o que ao corpo acrisola!*
O que acha da escola?
- *É a primeira instrução!*
Você deu boa lição?
- *Passei, mas não sou formado!*
Ambos - *Isso é quadrão perguntado,*
isso é responder quadrão!

Mais um da mesma dupla:

Me diga se é ingrato!
- *Tenho sido para alguém!*
E se faz o mal ou o bem!
- *Faço o bem, que sou sensato!*
Qual é o seu candidato?
- *É o da oposição!*
E a sua religião?
- *Sou católico ajoelhado!*
— *Isso é quadrão perguntado,*
isso é responder quadrão!

Mais um, para bem decorar a técnica?
Você, onde mais cresceu?
- *No hinterland nordestino!*
Gosta de ser beduíno?
- *É cigano como eu!*
E as terras que percorreu?
- *Foi brejo, agreste e sertão!*
E gosta da profissão?
- *Me sinto realizado!*
Isso é quadrão perguntado,
isso é responder quadrão!

Não tenho o interlocutor, mas Furiba foi tão brilhante (ele dispunha apenas de um verso, rimado e metrificado, para a justificar a trama) que lhe dispensar o nome não altera o valor do improviso:

Quantos filhos você tem?

F - Eu tenho quarenta e dois.

E quer mais algum depois?

F - Pretendo chegar aos cem.

Se parecem com alguém?

F - Todos têm minha feição.

Tem vizinho na região?

F - Tem um, mas nasceu capado!

- Isso é quadrão perguntado,

isso é responder quadrão!

Outra vez com João Furiba, cantando com Gilberto Alves. Gilberto pergunta e Furiba responde:

Ainda pensa em casar?

- Nunca me falta vontade.

Ainda está na validade?

- Nem precisa perguntar.

Se a mulher lhe procurar?

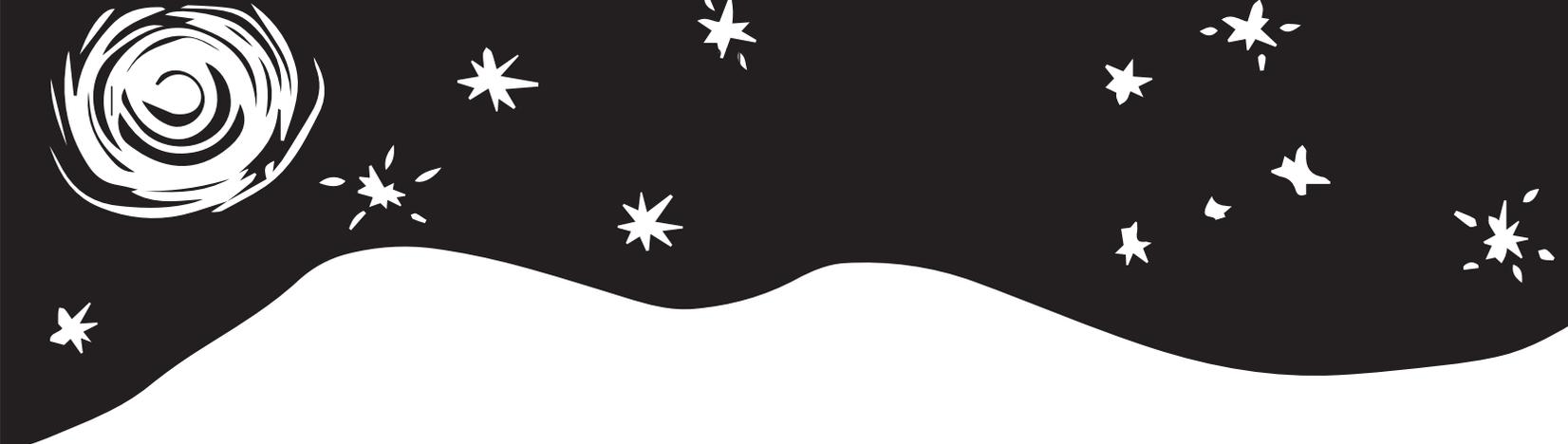
- Só basta encostar a mão.

Ainda sente tesão?

- Agora é que sou tarado.

Isso é quadrão perguntado,

Isso é responder quadrão.



Décima

São formas de poesia desenvolvidas desde a Idade Média. São, por assim dizer, o clássico do *repente*. Manoel Rafael Neto⁶, desembargador aposentado, ensina o improviso. Por exemplo, esse lembrete ao juiz substituto:

*Nada de ruim se compara
ao sistema absoluto
do juiz substituto
viver mudando de vara...
Ele nunca se equipara
a outro juiz comum,
não demora em canto algum
e quando chega o titular
ainda tem que se agarrar
na vara de qualquer um!*

Encontro de magistrados, em Salgueiro. Um falou sobre concubinato. Rafael Neto:

*Quando o desembargador
falou em concubinato
foi tão preciso e exato
que mostrou ser sabedor
dos segredos do setor
com a maior categoria.
- Por certo que não teria*

6

(1933/Iguaracy, PE – 2011/Recife). Era desembargador. Tem livros publicados, Poeta muito bom.

*no assunto tal talento,
caso o seu conhecimento
fosse só de teoria*

Luiz Dantas também era vaqueiro. Num domingo calmo o fazendeiro recebera o *Seu Vigário* no alpendre da casa grande quando Luiz, vestido tipicamente, apareceu. O padre, batendo palmas, aplaudiu.

*Ó, senhor, não batei palmas
por um pastor ter chegado;
eu sou um pastor de gado,
vós sois um pastor de almas.
Sinto frio, passo calmas,
sofro do tempo os rigores,
vós brilhais entre os doutores
servindo aos fiéis de exemplo...
- Eu no prado e vós no templo,
nós ambos somos pastores!*

José Alves Sobrinho e o impagável Zé Limeira põem isso em pratos limpos, *de repente*, com o mote
Você hoje me paga o que tem feito com os poetas mais fracos do que eu!

Sobrinho:

*Vou lhe avisar agora, Zé Limeira,
dizem que quem avisa amigo é,
vou lhe amarrar agora a mão e o pé
e lhe atirar naquela capoeira,
pra você não dizer tanta besteira
nesta noite em que Deus nos acolheu.
Você hoje se esquece que nasceu
e se lembra que eu sou bom e perfeito,
você hoje me paga o que tem feito
com os poetas mais fracos do que eu!*

Zé Limeira:

*Mais de trinta da sua qualistria
 não me faz eu correr sem ter sobrosso.
 Eu agarro a tacaca no pescoço
 e carrego pra minha freguesia.
 Viva João, viva Zé, viva Maria,
 viva a lua que o rato não lambeu,
 viva o rato que a lua não roeu,
 Zé Limeira só canta desse jeito,
 você hoje me paga o que tem feito
 com os poetas mais fracos do que eu!*

João Patriota recebeu o mote heptassílabo

Morreu meu tio querido, deixou-me recordação!

*... e Pinto foi mais rápido:
 A pessoa que congesta⁷,
 seja essa ou seja aquela,
 se não morrer logo dela,
 pra alguma coisa mais presta.
 Franze a venta, encolhe a testa,
 seca a pá⁸, afunda um vão,
 isola ainda um pulmão,
 depois entope o ouvido,
 morreu meu tio querido,
 só deixou recordação!*

Dimas Batista rima a terra com as coisas que ela tem:

*No sertão, quando ainda é bem cedinho,
 no curral o garrote solta um urro,*

7
8

Invenção de cantador: quer se referir à congestão.
 Linguajar nordestino: pá são as costas, o cavado se tem no ombro.

*um vaqueiro, aboiando, cela um burro
e uma ave com o bico faz um ninho.
O preá treme a ponta do focinho
como um cego tocando um realejo,
uma velha num tacho espreme um queijo
– chega a graxa escorrega na cozinha –
Uma terra bonita como a minha
eu procuro, procuro, mas não vejo!*

Certa vez Pinto tirou a graça de Lourival Batista (que não era nenhum Apolo) lembrando-lhe, agora em decassilábico, numa *décima*, o dia do casamento:

*Meu colega, no dia que casou,
quem antes o conheceu não conhecia:
a melhor roupa que ele possuía
foi com ela que ele se trajou.
A calça para trás abotoou,
às avessas vestiu o paletó,
a camisa na cinta deu um nó,
dobrou o chapéu, botou no bolso,
pendurou os sapatos no pescoço
e a gravata amarrou no mocotó!*

Antes, ele já acusava Ivanildo de algumas coisas, em outra ótima *décima*:

*Ivanildo o que canta é decorado,
improviso que é bom não faz na hora,
passa noite de sono, mas decora,
muito embora depois repita errado.
Conta histórias de guerra no passado,
traz de cor capitais, nomes de rua,
astronautas que foram para a lua,*

*palavrões dos mais velhos alfarrábios,
mas não sai uma frase dos seus lábios
que se diga: “Isso aí é coisa sua!”
Eu te amo, te prezo, te venero,
Só a morte separa o nosso amor!*

...foi o mote dado de graça a Dimas Batista, o irmão do meio da família (Lourival, ele e Otacílio)
“mais cantadeira dessa freguesia”, se se quiser parodiar Olegário Mariano⁹:

*Eu te vi, tu me viste, nós nos vimos,
eu te amei, tu me amaste, nós amamos,
eu te olhei, tu me olhaste, nós olhamos,
eu sorri, tu sorriste, nós sorrimos;
eu senti, tu sentiste, nós sentimos,
os encantos de um sonho promissor...
Encontrar-te ao meu lado, aonde eu for,
é da vida a ventura que mais quero,
eu te amo, te prezo, te venero,
só a morte separa o nosso amor!*

Louro do Pajeú trocadilhando o improviso (ou improvisando o trocadilho):

*É muito triste ser pobre,
para mim é um mal perene.
Trocando o p pelo n,
é muito alegre ser nobre;
sendo c, é puro cobre,
cobre, figurado, é ouro;
botando t, fica touro,
como a carne e vendo a pele,
o t sem o traço é l...
Termino, só, sendo Louro!*

Deram a Antônio Marinho um mote capcioso:

*E a terra caiu no chão!
O primor que se fez em uma décima heptassílaba:
Com jeito, calma e cautela,
em uma hora ditosa,
eu plantei um pé de rosa
no centro de uma panela.
A roseira cresceu bela,
mas em dada ocasião
deu-se um enorme trovão,
a panelinha quebrou-se,
o pé de rosa arrancou-se
e a terra caiu no chão!*

Quando não há mote o poeta simplesmente faz a *décima*. Dedé Monteiro, por exemplo, absoluto sobre o tempo da vaidade, da verdade e da tintura:

*A tinta que o tempo bota
sobre a cabeça da gente,
é de uma que não desbota,
permanece eternamente.
Tem gente que compra tinta
mete no cabelo e pinta
só pra nos causar enganos...
Mas é besteira do povo,
depois sai cabelo novo
com a tinta branca dos anos!*

O cantador Lúcio da Silva, com o mote *quando eu ia, ela voltava, / quando eu voltava, ela ia!*, nos dá um lindo exemplo do *rojão pernambucano*:

*Numa noite de São João
fui dançar uma quadrilha
e me agarrei com a filha
do dono da diversão.
Mandei tocar um baião
pra esquentar a folia,
mas a moça não sabia
se mexer nem requebrava:
quando eu ia ela voltava,
quando eu voltava, ela ia!*

De pura safadeza esse mesmo mote foi aproveitado, feliz ou infelizmente, por outro cantador:

*Meus pais criavam galinha
e nunca se deram mal;
tinha pinto no quintal,
mas por fora também tinha.
E depois que a noite vinha
a portinhola se abria,
o pinto de mãe saía,
a pinta de pai entrava,
quando eu ia ela voltava,
quando eu voltava, ela ia!*

Certa época quem mandava em Bom Conselho, PE, era o *Coronel Zé Abílio*. O cantador Chico Nunes estava bebericando num boteco quando um adversário político do *coronel* lhe deu o mote provocador:

José Abílio não presta!

O que não faltava em Chico era agilidade mental:

*É certo, justo e honrado
na cidade Bom Conselho,*

*representa grande espelho
 nesta região do Estado.
 Por todos é estimado
 e gosta muito de festa,
 a ninguém se manifesta,
 a todos só dá prazer...
 Quem 'tá dizendo é você
 que Zé Abílio não presta!*

Outro poeta, Heleno Belo, foi debruçado no mesmo dilema: o inimigo de um certo Juventino, manda-chuva da cidade, lhe “armou” o mote

Seu Juventino é ladrão!

Heleno revelou a mesma maestria de Chico Nunes:

*Só deixando de glosar,
 embora seja um defeito,
 quem glosa fica sujeito
 a ferir ou melindrar.
 Agora vou me arriscar
 a ferir um cidadão
 que com calma e educação
 podia ser meu amigo...
 Você diz, mas eu não digo,
 seu Juventino é ladrão!*

Mas esse Chico Nunes parece que atraía desafios. Certa vez um cantador recebeu o mote ... eu sou melhor do que tu ...

e, como era de se esperar, saiu desfiando todas as vantagens do mundo, se vangloriando, eu sou isso, eu sou aquilo... Chico inverteu os conceitos elogiosos, mas com que perspicácia:

*Sou ladrão de mandioca,
sou a lama de um barreiro,
sou um tipo cachaceiro,
sou embuá, sou minhoca,
sou como sapo na toca,
sou baba de cururu,
sou poleiro de urubu,
sou chocalho sem badalo,
sou um ladrão de cavalo,
mas sou melhor do que tu!*

Manoel Francisco. Mote:

Uma bodega no mato¹⁰

com qualquer coisa é sortida.

*Só é preciso uma caixa
de Melhoral infantil,
um pacote de Bombril
e uma caixa de bolacha.
Uma prateleira baixa,
nem precisa ser comprida,
uma grade de bebida
e um gato que pegue rato...
Uma bodega no mato
com qualquer coisa é sortida!*

10 Expressão nordestina: fora da cidade.

Uma pessoa entrou às escondidas no roçado de Luiz Campos (RN), piadista emérito, chupou uma melancia e, delito terminado, riscou na casca da fruta seu próprio nome. Dias depois Luiz encontrou o comilão, lhe pôs a mão no ombro e recitou:

*Tu cometeste um delito
ao entrar no meu roçado,
mas depois de ter entrado
fizeste um gesto bonito.
Às vezes, falta de um grito,
se perde uma vacaria...
Isso mesmo é que eu faria
caso estivesse com fome:
chupaste e deixaste o nome
na casca da melancia!*

Certo dia Luiz tomou o trem em Alexandria e se foi para resolver um negócio na igreja, em Patu. Na estação encontrou com a amiga Zorai, que perguntou de onde e para onde ele ia. O poeta nem descarrilou:

*Quando me apeei do trem
eu me encontrei com Zorai
que perguntou “Como vai?”
e eu lhe respondi “Vou bem!”
Perguntou “De onde vem?”,
eu disse “De Alexandria!”.
Perguntou pra onde eu ia,
eu disse “Vou pra igreja!”
E ela: “Deus te proteja,
na vida de cantoria!”*

Vamos a um largo passeio entremeado de poetas e começamos com Bernardino Nogueira, paraibano de Teixeira:

*Fui a uma farinhada
na aldeia dos tapuias
de cento e cinquenta cuias
– já vi que farra animada!
Tinha mandioca raspada,
farinha quente, beiju,
a roda do caititu
era grande, era pesada,
e a cevadeira danada:
turututurututu!*

Adauto Pereira é de Caruaru, PE, e consertava viola. Certo dia Zé de Dona acertou com Adauto um conserto por quarenta mil reis, pagou vinte, se esqueceu do resto, e a forma mais delicada de destratar o trapaceiro foi essa (notem a métrica decassílaba):

*Zé de Dona se achava precisado
que eu fizesse um conserto na viola.
Gastei lixa, verniz, madeira e cola,
e depois do serviço terminado,
me deu vinte e deixou vinte fiado,
que tratou de pagar no outro mês.
Passa um, passam dois e passam três,
Zé mais nunca me deu nenhum tostão.
Eu não digo que Zé seja ladrão,
mas quem rouba só faz com Zé fez!*

Fechamos as *décimas* com o cantador Oliveira de Panelas, além disso, romântico:

*Na vida provei abalos
e desesperos medonhos...
sonhos, sonhos e mais sonhos,
sem nunca realizá-los.*

*Na frente inda trago os halos
das auras da juventude,
porém não tive a virtude
de dormir entre dois seios...
Não tive amores, sonhei-os,
mas possuí-los não pude!*

E com Jó Patriota, terrivelmente apaixonado:

*Esses teus seios pulados,
nossos olhos insultando,
são dois carvões faiscando
no fogão dos meus pecados...
São dois punhais aguçados
ameaçando os cristãos,
mas pra meus lábios pagãos
são dois sapotis maduros,
eu quero teus seios puros
na concha das minhas mãos!*

Vocês ainda não conhecem, por inteiro, Zé Limeira (magistralmente biografado pelo paraibano Orlando Tejo, que o cognominou Poeta do Absurdo). Tratava-se de uma homenagem à d. Antonieta, mulher do Governador Agamenon Magalhães, no próprio palácio do governo de Pernambuco. Eram dois cantadores. Após Otacílio Batista haver terminado assim o seu elogio à grande dama, em perfeitos decassilábicos...

...e antes que a nossa festa aqui se finde,
doutor Agamenon, receba o brinde
que à dona Antonieta estou erguendo!

...chegou a vez de Zé Limeira recitar, o mais louco dos poetas do *repente*, que não deve ser

comentado pela total falta de parâmetros:

*Eu cantando pra dona Antônia,
a mulé de doutô Agamenon,
fico como o reis mago do Sion
me coçando na mesma tabuleta.
E aqui vou rasgando a caderneta
de Otacílio Batista Patriota.
- Doutor, como eu não tenho um brinde em nota
que possa oferecer a sua esposa,
dou-lhe um quilo de merda de raposa
numa casca de cana piojota¹¹*

*Diniz Vitorino
Se há irmão sofredores,
pois que padeçam com calma,
que a humildade da alma
é o remédio das dores.
Ninguém pode ver as cores
do arco-íris da paz;
sem sofrer, sem soltar ais;
porque nos campos terrenos
quem não tem um pranto a menos
no céu tem um riso a mais.*



Martelo Alagoano

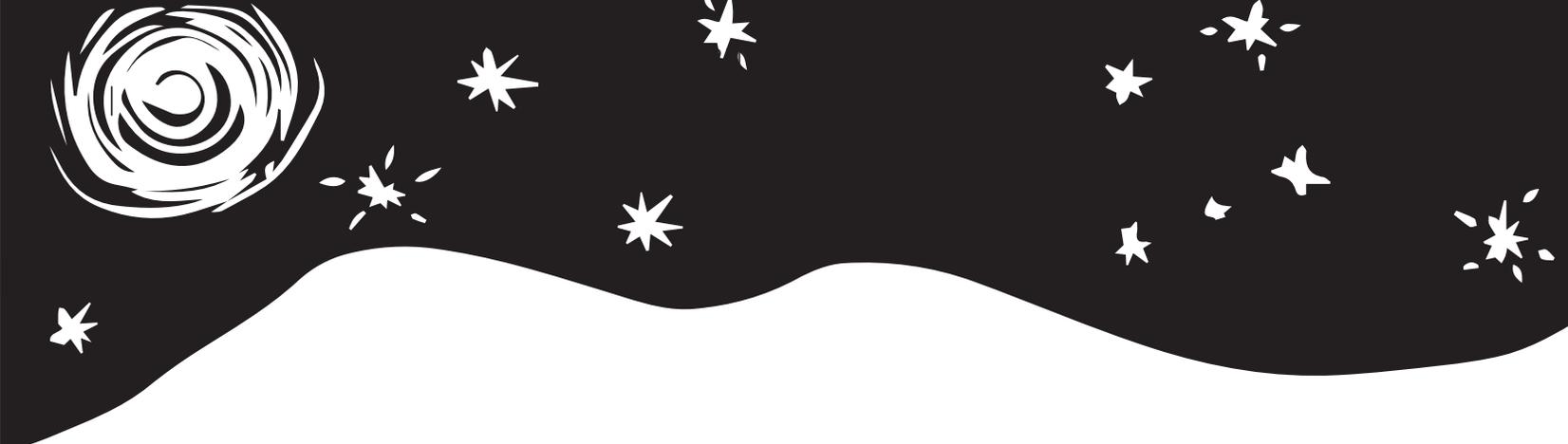
É uma variação da décima, mas o poeta, sabendo que tem de encaixar o último verso nos dez pés do martelo alagoano, se obriga a rimar assim o 6º e o 7º versos.

Furiba gostava muito de contar (e cantar) grandezas...

*O meu pai é um velho pobretão
tem apenas dez mil agricultores,
uma indústria de peças de tratores
e uma fábrica bem grande de avião.
Oficina de rádio no Japão,
é o dono do vinho Indiano,
seis mil casas pai compra todo ano,
possui minas de prata, ouro e cobre...
Da família papai é o mais pobre,
nos dez pés de martelo alagoano!*

Ivanildo Vilanova também improvisou, certa vez:
Trago as flores da vida e faço a flora,
pego a fauno e consigo os animais,
no lugar que houver guerra eu trago a paz
e onde a fome estiver trago melhora;
boto riso no rosto de quem chora
e esperança em lugar do desengano,
trago o signo e movimento o arcano,
se quiser, no poder destas passadas,
faço um verso pesar dez toneladas,
nos dez pés do martelo alagoano!





Martelo Agalopado

Também é um gênero da décima muito popular entre os cantadores e a necessária velocidade (o galope) é impressionante no dizer.

Criação do genial violeiro paraibano Silvino Pirauá Lima, é uma estrofe de dez versos, em decassílabos, obedecendo à mesma ordem de rima dos versos da décima. Todavia, sua denominação não vem do fato de ser empregado como meio de os contadores se martelarem durante suas pugnas. Sua significação, parece, está ligada ao nome do diplomata francês Jaime de Martelo, nascido na segunda metade do século XVII, que foi professor de literatura na Universidade de Bolonha, portanto, o criador do primeiro estilo. Jaime de Martelo suprimiu duas linhas finais da Oitava de Ariosto, ou Oitava camoniana, formando o que se denominou de Martelo cruzado, isto é, no Martelo antigo a primeira linha rima com a terceira e a quinta; a segunda, com a quarta e a sexta. O exemplo deste gênero está na estrofe do paraibano José Camelo de Meio Rezende:

Pinto do Monteiro uma vez saiu com esta definição: “Ser poeta é tirar de onde não tem e botar onde não cabe!”. O poeta Vinícius Gregório, nascido em São José do Egito - Pernambuco, fez este belíssimo martelo agalopado:

*Nessa frase de Pinto do Monteiro
eu talvez me introduza na metade
pois pra ser bom poeta só vontade
não me faz um poeta por inteiro.
O meu verso é a luz do candeeiro
que ilumina tão pouco e você sabe
não é verso que você leia e babe,*

*ser só meio poeta me convém,
pois consigo tirar de onde não tem
mas pejejo e não boto onde não cabe.*

Os versos desse estilo devem acentuar a 3^a, a 6^a e a 10^a sílabas. Sebastião Dias e Zé Cardoso são os donos da festa

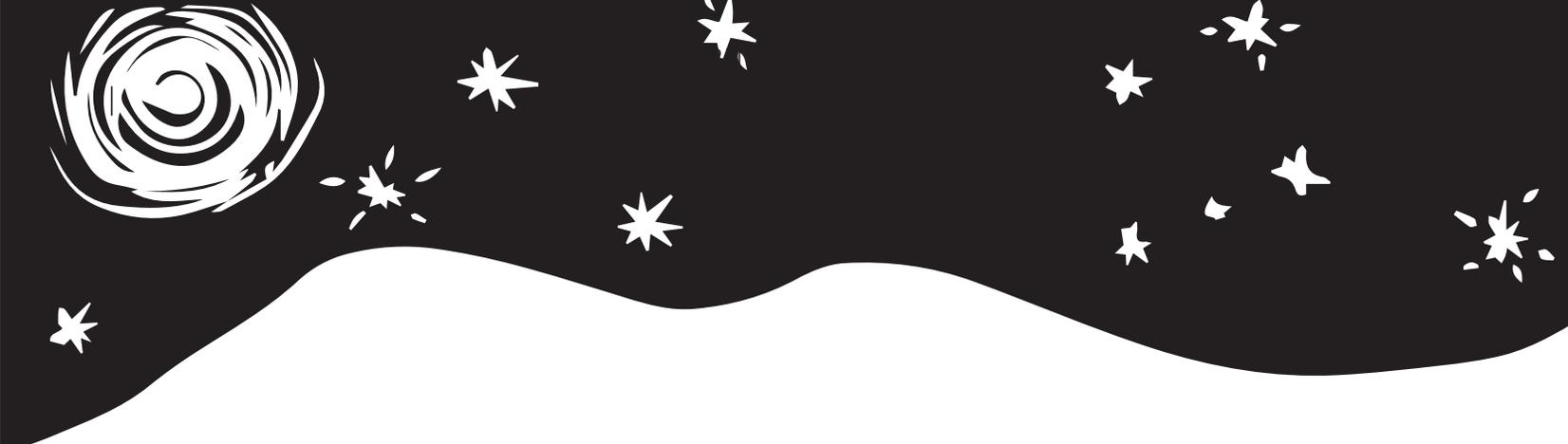
Sebastião começa:

*Minha fama de grande o povo diz,
meu talento de gênio o mundo sabe;
o planeta é enorme, mas não cabe
a metade dos versos que eu já fiz.
Foi não foi me aparece um aprendiz
procurando medir o meu valor...
No final, eu sou sempre o vencedor,
na subida do pódio eu me antecipo,
medir forças com um vate do meu tipo
é melhor não dizer que é cantador!*

Um conselho: nas cantorias, é bom que ninguém se impressione com as grandezas autoerigidas. Isso faz parte do desafio, tanto quanto menosprezar o outro cantador.

Zé retruca:

*Aprendi a cantar sem professor,
com a ajuda de Deus eu sou completo;
você vem me chamar de analfabeto
exibindo um diploma de doutor...
No congresso que eu for competidor
você perde pra mim de dez a zero!
Finalmente eu lhe sou muito sincero:
se deixar de cantar, não sou feliz,
ser poeta eu só sou porque Deus quis,
e doutor eu não sou porque não quero!*



Galope à Beira Mar

Foi criado por Zé Pretinho, um repentista cearense (mais adiante vamos ver uma peleja, ele e o Cego Aderaldo); diz-se que ele se postou à beira-mar, matutando, e imaginou as ondas ritmando ao som de um galope. São versos de 11 sílabas métricas (hendecassílabos), com a mesma estrutura da *décima* e do *martelo agalopado*. Uma das exigências é terminar a estrofe com *galope na beira do mar* ou, no mínimo, com a palavra *mar*.

Numa das muitas maluquices, Zé Limeira dá conta do *galope* em outro tremendo disparate:

*Conheço, demais, o rio Paraíba,
que nasce sozinho lá dentro da praia!
Parece um cambito de pau de cangaia,
as suas enchentes têm mel de tubiba;
na frente recebe o Rio Furiba
e passa correndo pra Madagascar;
alaga Recife, demora em Dacar,
no tempo de inverno é seco demais,
foi quando Oliveiro enfrentou Ferrabrás,
que luta pai-d'égua¹² na beira do mar!*

De Dimas Batista, do Pajeú (esse era parte de famosa família de cantadores, junto com os irmãos Lourival e Otacílio), gozando — e se afirmando — diante de um poeta da cidade (carece confirmação, mas parece que foi Ariano Suassuna), confessadamente embaraçado entre métricas e rimas. Dimas cantou o famoso *galope à beira-mar*:

*Eu acho engraçado um poeta da praça
que passa dois meses fazendo um quarteto¹³,
depois de um ano é que finda um soneto
e quando termina inda fica sem graça.
Com tinta e pincel o esboço ele traça,
contando nos dedos pra metrificar,
que noites de sono ele perde a pensar
pra apresentar tão minguado produto,
pois desses eu faço dois, três, por minuto
cantando galope na beira do mar!*

O cantador Luciano Maia também contribui:

*Cantor das coivaras queimando o horizonte,
das brancas raízes expostas à lua,
da pedra alvejada, da laje tão nua
guardando o silêncio da noite no monte.
Cantor do lamento da água da fonte
que desce ao açude e lá fica a teimar
com o sol e com o vento, até se finar
no último adejo da asa sedenta,
que busca salvar-se da morte e inventa
cantigas de adeuses na beira do mar!*

Outro exemplo de *galope na beira do mar*. O autor dos dez versos (no último, é obrigatória a frase “cantando galope na beira do mar”) é Zé Alves Sobrinho, que tinha algum estudo a mais do que os outros:

*Vou pelo oceano em missão geográfica
cantando enseadas, lagunas e rios,
os volumes d’água, salgados e frios,
os golfos, as angras, bacia hidrográfica;*

*eu quero trazer a visão fotográfica
dos portos, das algas, por onde eu passar;
os álveos, as ilhas, eu quero deixar,
voltando à praia em roteiro romântico
e aí terminou meu passeio no Atlântico
cantando galope na beira do mar!*

O problema de um Zé é que à sua frente estava outro, o maluco do Zé Limeira, analfabeto de pai e mãe, mas tão poeta quanto ele, rimas e métricas perfeitas:

*Não sei onde fica esse tá de oceano,
nem sei que pagode vem sê esse má.
Eu sei onde fica Teixeira e Tauá,
que tem meus moleque vestido de pano.
A minha patroa é quem traça meus prano,
cem cuia de mio inda quero prantá,
farinha, legume, feijão e jabá,
com moi de pimenta daquela bem braba,
valei-me São Pedro, Limeira se acaba
cantando galope na beira do mar!*

Joaquim Filho é o poeta que faz a gente galopar com ele:

*Falei do sopapo das águas barrentas,
de uma cigana de corpo bem feito,
da lua bonita brilhando no leito
da escuridão das nuvens cinzentas...
Do eco do grande furor das tormentas,
da água da chuva que vem pra molhar,
do baile das ondas, que lindo bailar,
da areia branca da cor de cambraia,
da bela paisagem da beira da praia,
assim é galope na beira do mar!*



Dez de Queixo Caído

É uma estrofe de dez versos, mas heptassílabos. O segundo cantador se apóia não no último, mas no penúltimo verso do primeiro cantador para rimar o seu. A única norma é manter o refrão.

Diz João Paraibano:

*Eu já falei de paixão
que é um drama muito sério,
mas vou saber se Rogério
é bom repentista ou não,
que disse ser campeão,
mas está muito oprimido,
só faz repente perdido,
não improvisa na hora,
meto-lhe o cacete agora
nos dez de queixo caído!*

Rogério responde:

*Bote cantiga pra fora
se é que possui cantiga,
mas não venha fazer briga
que ainda não está na hora.*

Você vai levar espora

*mesmo sem burro ter sido,
cantadorzinho atrevido,
poeta do seu tamanho*

*eu enforco é um rebanho
nos dez de queixo caído!*

Estilo passou por grandes variações, onde (e quando) os cantadores se revezam dentro da mesma estrofe.

O *mourão de cinco versos*, também com revezamento. O cantador Francisco Pequeno canta o 1º verso e fecha com os três; Romano Elias fica com o 2º:

*FP - No mourão não deixo nó!
RE - O meu, eu lavro de enxó!
FP - Colega, estou pesaroso...
No recinto primoroso
sei que fico a cantar só!*

Havia o *mourão de seis linhas*, do qual Romano e Inácio dão um bom exemplo:

*I - Seu Romano, estão dizendo
que nós não cantamos bem;
R - Pra cantar igual a nós,
aqui não vejo ninguém;
I - E o diabo que disse isto
é o pior que aqui tem!*

Hoje, o mais usado é o *mourão de sete pés (versos)*. O cantador iniciante faz os dois primeiros versos e os três finais; o segundo faz o 3º e o 4º verso. Agostinho Lopes e José Bernardino duelam assim:

*AL - Não vá você achar ruim
este mourão a doer!
JB - Eu acredito, Agostinho,
naquilo que posso ver!
AL - Companheiro, não se gabe:
a pessoa que não sabe
agrava a Deus sem querer!*

E mais esse outro, de pura brincadeira, poesia sobrando:

Pinto do Monteiro:

*Você hoje tem um GG
que não muda de assunto!*

Lourival Batista:

*Mas o que diabo é GG,
meu colega, eu lhe pergunto?*

Pinto do Monteiro:

*Eu admiro é você
não saber que um GG
é um G com outro junto!*

É extensa e memorável a poesia de Pinto do Monteiro. Se o *repente* já não fosse um fenômeno - engendrar, em segundos, seis, oito, dez versos metrificados e rimados, partindo-se de uma rima imposta ou comentando-se um tema proposto às vezes na hora -, ele, o poeta, ainda se impõe pela riqueza, destreza, criativo e inquestionável.

Tão criativo que, numa cantoria na casa de Zé de Deja, um bode agitado no chiqueiro pelo cio das cabras começou a bodejar (lindo neologismo, significando berrar, o bode, insistentemente), incomodando os cantadores.

Pinto iniciou um mourão:

Que diabo tem esse bode
que ali tanto bodeja?

José de Lima bem que tentou disfarçar:

*Com certeza está achando
bonita a nossa peleja.*

Pinto, decidindo o assunto:

Bode acha nada bonito...

*‘tá é fazendo cabrito
nas cabras de Zé de Deja!*

Outro maravilhoso exemplo:

Pinto do Monteiro:

Esse cabra é meu irmão,

já vi o sinal na testa!

Antônio Martins:

O meu pai andava muito,

nunca perdeu uma festa!

Pinto do Monteiro:

Mas enquanto ele saía

tua mãe se divertia

praticando o que não presta!

Pinto cantou outro *mourão de sete pés* com Gato Velho, em Sertânia, PE. Pinto também começou:

Tem coisa na natureza

que eu olhando me comovo.

Gato Velho arriscou:

Acho difícil demais

um pinto sair do ovo...

Aí Pinto se serviu:

Preciso lhe advertir:

difícil não é sair,

difícil é entrar de novo!

Quando eles se encontraram outra vez, Pinto provocou:

Vou pegar o Gato Velho

pra lhe dar conhecimento!

A resposta foi desaforada:

Eu vou montar nesse pinto

e fazer dele um jumento!

Catástrofe final:

*Vai haver um pega-pega:
você vai servir de jega
para o meu divertimento!*

O *mourão de sete pés* também pode ser cantado por três repentistas.

Pedra Azul, por exemplo:

*Vou dar começo à questão
pra ver quem ganha no fim.*

Canhotinho emenda e, de sobra, agride a Pinto do Monteiro:

*Eu morro e não tenho medo
de um pinto pelado assim!*

Pinto esclarece as reminiscências:

*Sou pelado, sem canhão¹⁴,
por causa de um beliscão
que tua mãe deu em mim!*

Antônio Guerreiro enfrentava dois grandes cantadores, ele no meio dos dois: Josué da Cruz e Manoel Serrador.

Josué começou:

*Vamos agora, colega,
arrochar esse pelado!*

Serrador responde:

*Você arroche de lá
que aqui já está arrochado!*

14 A parte mais grossa da haste das penas das asas das aves.

E Guerreiro, sensacional, imaginativo, conclusivo:

*Pode arrochar que eu resisto
embora igualmente a Cristo,
com um ladrão de cada lado!*

No estilo *mourão trocado* aparecem (é notável o rebuscado da poesia do *repente*) palavras que se alternam nas quatro primeiras linhas da estrofe. Louro do Pajeú e Pinto do Monteiro são os donos da festa:

*P - Troco a praça no sertão,
dou o sertão pela praça...
L - Eu da massa faço o pão
e do pão eu faço a massa...*

Pinto fulminou o colega:

*Botou a perder a peça:
uma misturada dessa
não há padeiro que faça!*

Mufubão eu não sei de onde é. Sei, por ouvir dizer, que a palavra *cinza* tem, na língua portuguesa, apenas uma rima: *ranzinza*. Cantando com dois irmãos, Mufubão decididamente apelou para o irrazoável. O estilo é o *mourão*.

Primeiro irmão:

*Negro que canta comigo
fica branco como cinza.
O segundo irmão fechou a porta:
Sendo novo, fica velho
e, quando velho, ranzinza.
Mufubão, irrazoável, mas vitorioso:
Em Barra de Santa Rosa
tinha uma velha fanhosa
que só dizia caminza!*

Há também o *Mourão Voltado*, que pode ter cinco ou sete pés (versos, no bom dizer). No mais, a mesma regra do *mourão perguntado*. Dele participam dois repentistas: um faz os dois primeiros versos, o outro faz os dois seguintes, já com a obrigação de rimar o seu segundo verso com o segundo do antecessor, encerrando-se o *mourão* com três versos do primeiro cantador, estando os seus dois primeiros versos rimados entre si e o último com os dois segundos versos anteriores. Difícil? Pra eles, não!

O *Mourão Voltado* é um gênero relativamente novo, com estrofe de treze versos de sete sílabas, em que os preliantes vão se alternando até a oitava linha, para em seguida unirem suas vozes, como em coro, neste estribilho:

*Isso é que é mourão voltado,
isso é que é voltar mourão!*

Em seguida, repetem a oitava linha com o estribilho acima. Para melhor compreensão, imaginemos os cantadores A e B:

A. - *Tudo, neste mundo, volta.*

B. - *Com você, combino eu!*

A. - *Volta o rico e o plebeu;*

B. - *Volta quem prende e quem solta ...*

A. - *Volta a paz e a revolta;*

B. - *Volta o sim e volta o não!*

A. - *Volta até Napoleão*

B. - *Que há tempo está sepultado...*

A/B. - *Isso é que é mourão voltado,*

isso é que é voltar mourão!

Que há tempo está sepultado...

Isso é que é mourão voltado,

isso é que é voltar mourão!



Você Cai

Há outro gênero muito apreciado, com versos de sete sílabas, como nos demais, onde as estrofes aparecem com doze linhas, havendo quatro versos comuns (terceiro, sexto, nono e décimo segundo). O iniciante é responsável pela formação dos versos primeiro, segundo, terceiro, sétimo, oitavo, décimo, décimo primeiro e décimo segundo, ficando os demais a cargo do parceiro intercalante.

Apreciemos, com Lourival e Otacílio, um Moirão Você Cai:

L. - Meu irmão, a hora é esta,

de travar-se um desafio!

Lá vai uma, duas e três ...

O. - Mas em luta eu não confio

porque desanima a festa!

Lá vai quatro, cinco e seis

L. - Meu verso ninguém detesta

porque desafio distrai!

O. - Cuidado, que você cai...

L.- Caio tomando sorvete,

você levando cacete,

se for por dez pés, lá vai!



Meia Quadra

Está entre as modalidades mais difíceis da poesia popular, estilo que apresenta estrofes com número de versos não determinados e com quatro linhas iguais na parte final. São versos de 15 sílabas, com rimas emparelhadas. Apenas como registro, porque não tenho os autores:

*Quando eu disser ida e meia, você diga meia ida,
quando eu disser lida e meia, você diga meia lida,
diga coração e meio, se eu disser meio coração;
se eu disser meia baleia, você diga meio cação,
se eu disser meio cação, você diga meia baleia;
quando eu disser Meia Quadra, você diz que é Quadra e Meia,
quando eu disser Quadra e Meia, você diz que é Meio Quadrão!*

Outro exemplo:

*Quando eu disser dado é dedo, você diga dedo é dado;
quando eu disser gado é boi, você diga boi é gado;
quando eu disser lado é banda, você diga bando é lado;
quando eu disser pão é massa, você diga massa é pão;
quando eu disser não é sim, você diga sim é não;
quando eu disser veia é sangue, você diga sangue é veia;
quando eu disser meia quadra, você diga quadra e meia;
quando eu disser quadra e meia, você diga meio quadrão!*

Para metrificar, nas repostas o cantador muitas vezes engole uma sílaba (mei cação, mei quadrão etc.).



Glosa

É uma décima (estrofe de 10 versos) que responde a um desafio expresso em forma de mote, geralmente um dístico, ou seja, composto por dois versos. Esses versos se apresentam na glosa de duas formas mais comuns: os dois versos aparecem no fim da estrofe, compondo a rima que, na maioria das vezes, segue o esquema ABBAACCDDC; às vezes, um verso do mote aparece como quarto verso da glosa e o outro verso na última posição.

Pinto do Monteiro falando sobre a mulher — mas se lembrando da cascavel que, segundo a lenda, morde e depois vai ver onde a presa caiu — compôs:

*Mulher, animal cruel
que quando sorri pra gente
fica mostrando somente
as presas da cascavel.
Esse animal infiel
sorriu para mim um dia,
traiu minha simpatia
com suas presas fatais,
mordeu e correu atrás
só pra ver onde eu caia!*

A *glosa* pode ter de sete a onze sílabas métricas.

O grande poeta Antônio Marinho estava insone, roda pra lá, roda pra cá, noite comprida, a chama balouçante do candeeiro, o verso não conseguia dormir:

Berra o bode no chiqueiro,

*relincha ao longe o cavalo,
pia o pinto, canta o galo
ciscando pelo terreiro;
a vaca no tabuleiro
muge fazendo uma prece,
o candeeiro estremece,
chia o grilo na parede,
chora o menino na rede
e o dia não amanhece!*

O cara foi traído pela mulher e da dor da separação resultou o mote:

Tu rosa era falsa e tinha espinho,
teu perfume era cheiro de veneno!

João Paraibano apreciou a história num *repente* maravilhoso:

*Eu queria viver da união,
tua querias viver do episódio;
tu pareces que tens sombra de ódio
encobrindo o véu do coração;
uma noite dormias com João,
outra Zé, outra, Chico, e outra Heleno.
Uma dama não tem direito pleno
de botar muitos pombos num só ninho,
tua rosa era falsa e tinha espinho,
teu perfume era cheiro de veneno!*

Esse João Paraibano é mesmo um cantador extraordinário. Deram-lhe o mote “*o colibri busca essência / no colo virgem da flor*”, e ele perfumou o verso num lindo *quadrão de dez*:

*Em toda manhã chuvosa
voa pela caatinga,
faz do bico uma seringa
pra dar injeção na rosa.
Acha a rosa tão cheirosa
que se embeleza na cor.
Parece que aquele odor
perfuma sua existência,
o colibri busca essência
no colo virgem da flor!*

Não sei o nome do autor dessa genialidade de continente e de conteúdo. Sei que o mote, capcioso, lhe foi dado exatamente assim:

MORREU E NÃO DISSE TO
das as coisas que sabia!

Notem a armadilha das sílabas separadas. Para dificultar, o autor do mote acrescentou que apenas o queria como uma primeira linha (que não tem, absolutamente, sentido).

Anotem o poeta, pleno e inspiradíssimo:

*Vi um pobre moribundo
em ânsias afadigado,
pra se despedir do mundo
ele estava tão cansado,
quis dizer porém não disse
(a garganta deu um nó):
Valei-me meu Jesus Cris...*

MORREU E NÃO DISSE TO...!

Isso é fan -tás - ti - co!

Jó Patriota, confessado à mulher adorada:

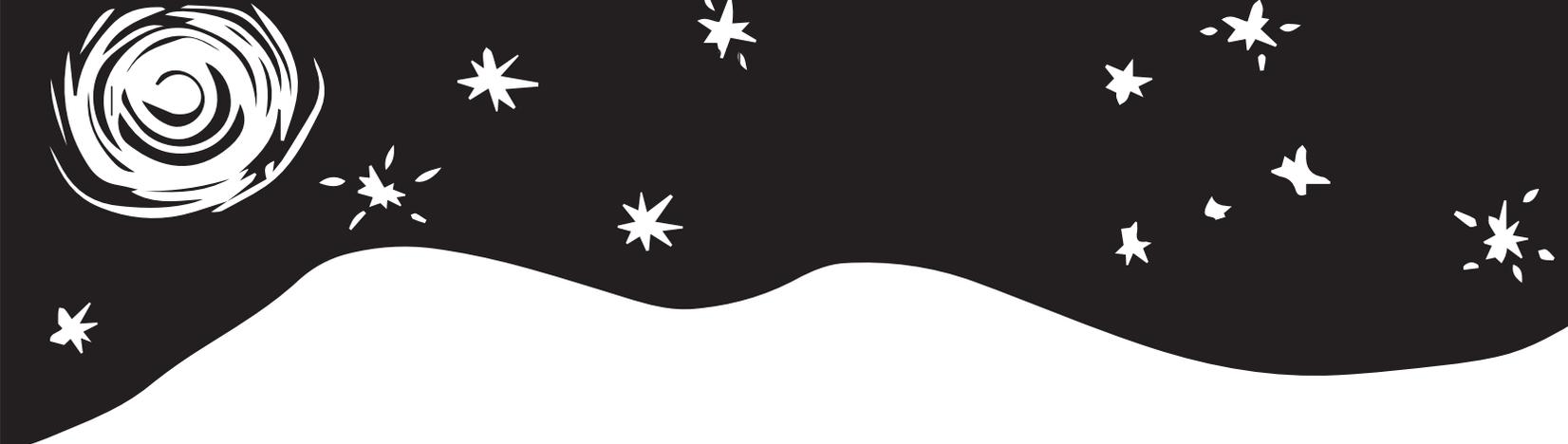
*“Diga que eu sou cachaceiro
desses de marca maior;
diga que eu sou o pior
lá da Rua dos Pereiro...
Diga que eu sou o tempero
que o diabo nem quer ver...
- Você pode até dizer
que eu sou fi¹⁵ de rapariga,
só não quero que me diga
que eu não gosto de você!”*

Eles voltaram a se encontrar, Ivanildo e Furiba e Ivanildo se serviu primeiro:

*João Furiba cantando sentimento
conquistou os pracistas e matutos,
mas cantando comigo dez minutos
é preciso ter mais conhecimento.*

Furiba, no repente:

*Você deve mudar de pensamento,
vender doce, cocada e picolé,
três ou quatro garrafas de café
porque isso lhe causa rendimento;
candeeiro, marmitta, cordão bento,
erva doce e pimenta de macaco,
espoleta, enxofre, breu, tabaco,
botão rápido, fivela, prego e cola...
Se despeça do braço da viola,
que pra arte você é muito fraco!*



Bibliografia

FURIBA (autobiografia)

CANTIGA DE VIOLA (Normando Vasconcelos)

CARIRI E PAJEU (Joselito Nunes)

NA SENDA DO LIRISMO (Jó Patriota)

ZÉ LIMEIRA (Orlando Tejo)

VAQUEIROS E CANTADORES (Luiz da Câmara Cascudo)

CANTADORES (Leonardo Mota)

UM SÉCULO E MEIO DE REPENTES (Edvaldo Muniz de Melo)



Rotary



Elequicina Maria dos Santos

Eng.^a Civil
Governadora do Distrito 4500
Gestão 2022 / 2023

Imagine um Rotary de Repente

Chegando próximo ao encerramento do primeiro semestre da nossa gestão do Distrito 4500 de Rotary International, enquanto governadora, tenho o orgulho em poder contribuir e apoiar o projeto **Cadernos do Semiárido - Riquezas & Oportunidades**, que lança sua 22^a edição com um tema tão forte e característico da nossa cultura nordestina.

Nesta oportunidade, será abordado a nossa mais característica arte poético-musical, usando como título **“Tudo isso é de repente”**. Uma iniciativa que vai enaltecer, ensinar e promover esta cantoria **comum no Nordeste do Brasil, famoso pela improvisação de estrofes**.

Uma iniciativa de grande valia para a nossa cultura, enaltecendo a arte local com o repente que já é reconhecido **“bem cultural intangível”** pelo Instituto do Patrimônio Artístico Nacional, e que tem a sua origem atribuída a Zé Pretinho, numa antológica disputa com um dos maiores poetas **nordestinos** da história, o Cego Aderaldo.

Desta forma, encerro, agradecendo a todos os envolvidos e em especial ao incansável diretor Mário Antonino, pelo trabalho junto a este projeto **“Cadernos do Semiárido**, que aqui completa mais uma edição de sucesso, trazendo mais oportunidade de ensinamento e desenvolvimento para a nossa região.

Nosso lema rotário, gestão 2022-2023, nos convidar a imaginar um mundo mais justo e humanitário, elevando através da nossa capacidade de servir a qualidade de vida nas comunidades mais necessidades. Então, que de repente, nossa cultura seja mais conhecida e admirada, tornando as nossas ações mais prazerosas nesta missão de transformar vidas.

CADERNOS DO

SEMIÁRIDO

Os cadernos estão disponíveis online, através do site:

www.creape.org.br/cadernos-do-semiarido-riquezas-eoportunidades/



REALIZAÇÃO



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO



UNIVERSIDADE
FEDERAL RURAL
DE PERNAMBUCO



CREA-PE
Conselho Regional de Engenharia
e Agronomia de Pernambuco

APOIO



Rotary



FIEPE

Clube de Engenharia de Pernambuco